

Cultura & Formação Docente: pensando o currículo como uma construção cultural¹

Cultura & Formación Docente: pensando en el currículum como una construcción cultural

Culture & Teacher Training: thinking of the curriculum as a cultural construction

Yara Araujo Ferreira²

Resumo

A questão da cultura e seu papel central nas formas com as quais a sociedade se organiza é uma discussão atual em diversas áreas do conhecimento. Podemos assumir que os elementos da cultura são socialmente construídos e historicamente partilhados, portanto a cultura é uma construção essencialmente humana e social. Ela permite ao homem identificar-se enquanto indivíduo, transformar a natureza e transformar-se a si mesmo. Nesse contexto, entendemos que a formação inicial de professores pode ser caracterizada pela incorporação intencional de certos elementos da cultura, historicamente aceitos, determinados mediante disputas de poder e que representam as necessidades formativas que emergem de um dado contexto social e momento histórico. Esse é um trabalho teórico onde nos propomos a discutir alguns paradigmas de formação para pensar a cultura no contexto da formação de professores. Em uma análise interpretativa, procuramos construir nossa argumentação em torno da prerrogativa da centralidade da cultura no processo da formação docente. Consideramos que cursos de licenciatura se constituem por um processo de interação de seus agentes com os elementos da cultura historicamente construídos e sistematizados na graduação. Esta dimensão do processo formativo se estabelece não apenas pela natureza da relação que os indivíduos estabelecem com o currículo, mas também pelas concepções explícitas e/ou implícitas nele impressas. O currículo, assim, é uma questão da cultura como qualquer outra construção humana. Deste modo, o currículo é também uma atividade política porque de uma forma particular organiza a cultura e conseqüentemente as relações de poder e sua influência na identidade do professor em formação. Portanto, consideramos que formar-se professor é incorporar elementos culturais específicos do fazer docente. E a identidade docente se elabora na medida da interação com o currículo enquanto ferramenta cultural, nos processos de representação social que são estabelecidos ao longo da formação docente.

Palavras-Chave: Cultura; Currículo; Ferramenta Cultural; Formação de Professores.

Resumen

La cuestión de la cultura y su papel central en las formas en que la sociedad se organiza es una discusión actual en varias áreas del conocimiento. Podemos suponer que los elementos de la cultura se construyen socialmente y se comparten históricamente, por lo que la cultura es una construcción esencialmente humanos y sociales. Permite al hombre identificarse como individuo, transformar la naturaleza y transformarse a sí mismo. En este contexto, entendemos que la formación inicial del profesorado se caracteriza por la incorporación intencionada de ciertos elementos de la cultura, históricamente aceptada, determinada por las luchas de poder y la representación de las necesidades de formación que salen de un contexto social determinado y momento histórico. Este es un trabajo teórico en el que nos proponemos discutir algunos paradigmas de capacitación para

¹ Artigo apresentado durante o I Congresso Internacional Online de Estudos sobre Culturas - #Culturas, realizado de forma online, em outubro de 2019.

² Doutora em Ciências; Universidade Federal de São Paulo – Unifesp; Diadema, São Paulo, Brasil; y.ferreira@unifesp.br.

pensar sobre a cultura em el contexto de la capacitación docente. En un análisis interpretativo, buscamos construir nuestro argumento sobre la prerrogativa de la centralidad de la cultura en el proceso de formación del profesorado. Consideramos que los cursos de pregrado están constituidos por un proceso de interacción de sus agentes con los elementos de la cultura históricamente construidos y sistematizados en la graduación. Esta dimensión del proceso formativo se establece no solo por la naturaleza de la relación que los individuos establecen con el currículo, sino también por las concepciones explícitas y / o implícitas en él. El currículum, entonces, es una cuestión de cultura como cualquier otra construcción humana. De esta manera, el currículum es también una actividad política porque de una manera particular organiza la cultura y, en consecuencia, las relaciones de poder y su influencia en la identidad del docente en formación. Por lo tanto, consideramos que la capacitación docente es incorporar elementos culturales específicos de la formación docente. Y la identidad docente se elabora en la medida de la interacción con el currículum como herramienta cultural, en los procesos de representación social que se establecen a lo largo de la formación docente.

Palabras claves: Cultura; Currículo; Formación del profesorado; Herramienta Cultural.

Abstract

Culture and its central role in the way society is organized is a current discussion in various areas of knowledge. We can assume that the elements of culture are socially constructed and historically shared, so that culture is an essentially human and social construction. It allows man to identify himself as an individual, transform nature and transform himself. In this context, we understand that teacher education can be characterized by the intentional incorporation of historically accepted elements of culture, determined by struggles of power and represent the formative needs that emerge from a particular social context and historical moment. This is a theoretical work in which we propose to discuss some training paradigms to think culture in the context of teacher education. In an interpretative analysis, we seek to build our argument around the prerogative of the centrality of culture in the process of teacher education. We consider that undergraduate courses are constituted by a process of interaction of their agents with the elements of culture historically constructed and systematized in undergraduate studies. This dimension of the formative process is established not only by the nature of the relationship that individuals establish with the curriculum, but also by the explicit and / or implicit conceptions printed on it. The curriculum is therefore a matter of culture like any other human construct. Thus, the curriculum is also a political activity, as it organizes in a particular way the culture and, consequently, the power relations and their influence on the identity of the teacher in formation. Therefore, we consider that teacher training should incorporate specific cultural elements of teaching. And the teacher's identity is elaborated at interaction with the curriculum as a cultural tool, in the processes of social representation that are established throughout the teacher's formation.

Keywords: Cultural tool; Culture; Curriculum; Teacher Training.

1. Introdução

A cultura tem tomado um papel central nas formas com as quais a sociedade se organiza. Nesse sentido, podemos considerar que os elementos de identificação por integração em um grupo social, unido em prol da formação docente, tem a cultura como elemento de negociação nas relações interpessoais. Isso torna a cultura veiculada nos cursos de formação de professores um elemento fundamental no processo de formação docente.

Os elementos da cultura são socialmente construídos e historicamente partilhados, a cultura é uma construção essencialmente humana e social. Ela permite ao homem identificar-se enquanto indivíduo, transformar a natureza e transformar-se a si mesmo (HALL, 1997, 2006; CUCHE, 2002). É através da interação com a cultura que nós nos identificamos, diferenciamos e que nos socializamos uns com os outros (HALL, 1997, 2009). Para Du Gay et al. (1997) a cultura representa um modo de vida, a produção e a circulação de sentidos. É através do social que nos organizamos, que sobrevivemos, que construímos o que chamamos de cultura, conhecimento, tecnologia. E é também através de agrupamentos sociais que

difundimos esta construção humana, que nos educamos e perpetuamos a forma única do ser humano de se identificar enquanto indivíduo, com uma identidade própria.

Muitos foram os entendimentos que se tomaram por cultura ao longo de nossa história e ainda hoje esse conceito é essencialmente polissêmico. Seu entendimento varia não apenas ao longo da história, mas assume significado diverso sob perspectivas várias. A palavra cultura é de origem romana e derivada da palavra *colere* que significa cultivar, habitar, tomar conta, criar e preservar — sempre no sentido de preservação e cuidado para com a natureza para que ela se torne habitável, em oposição à dominação da natureza do homem (ARENDDT, 2009). Para os gregos a palavra cultura deriva de *paedéia* que exprime o ideal educativo da Grécia clássica e que indicava a continuidade da tradição no preparar a criança para a vida adulta. Mesmo na atualidade, a soma de ambos os conceitos – romano em conjunto com o conceito grego – “cultura no sentido de tornar a natureza um lugar habitável para as pessoas e cultura no sentido de cuidar dos monumentos do passado ainda hoje determinam o conteúdo e o significado que temos em mente ao falarmos de cultura” (ARENDDT, 2009, p. 266).

O antropólogo Edward Burnett Tylor foi um dos primeiros a definir cultura em uma perspectiva mais ampla, conforme compreendemos na atualidade. Segundo ele a cultura seria “esse todo complexo que compreende o conhecimento, as crenças, a arte, a moral, a lei, o direito, os costumes e outras capacidades ou atitudes, adquiridas pelo homem como membro da sociedade” (TYLOR, 1871³, p. 1 apud BARBIER, 2010, p. 364).

No que tange ao currículo e à formação de professores consideramos que a cultura seria o conjunto de elementos socialmente construídos e historicamente partilhados pelo grupo (HALL, 2006). Nesse sentido, a cultura é uma construção essencialmente humana e social, fruto e obra da ação humana.

Vale lembrar ainda que nessa perspectiva todas as culturas devem ser consideradas, as diversas formas de culturas produzidas e/ou consumidas no interior do curso de formação inicial de professores. Tais culturas específicas, pertencentes ao conjunto de conhecimentos científicos ou culturas de ser e estar no grupo social compõe o arcabouço cultural do profissional em formação. Dessa forma, “cultura é simultaneamente o terreno sobre o qual a análise se dá, o objeto de estudo e o local da crítica e intervenção política” (NELSON, TREICHLER e GROSSBERG, 2011, p. 14).

Nesse contexto, a cultura é uma construção humana, proveniente das relações interpessoais, medeia essas mesmas interações sociais e que se apresenta como “uma coisa inconclusa, incompleta e sempre em processo” (GIROUX, 2011, p. 92). Assim a cultura não apenas medeia os processos identitários na formação inicial de professores, mas estabelece implicações para o currículo das Licenciaturas. Moreira e Macedo (2002), Giroux (2011) e Canen e Moreira (2001) concordam em afirmar que uma das implicações desse processo identitário para o currículo é o silenciamento de diversas vozes e de culturas negadas ou marginalizadas. “[...] a educação gera um espaço narrativo privilegiado para alguns/algumas estudantes e, ao mesmo tempo, produz um espaço que reforça a desigualdade e a subordinação para outros/outras” (GIROUX, 2011, p. 84). Os processos culturais desenvolvidos em cursos de formação inicial de professores têm relação direta com os processos sociais e de identificação cultural.

Consideramos que cursos de licenciatura se constituem por um processo de interação de seus agentes com os elementos da cultura historicamente construídos e sistematizados na

³ TYLOR, E. B. **Primitive culture**. London: J.Murray, 1871.

graduação (PACHECO, 1995). Esta dimensão do processo formativo se estabelece não apenas pela natureza da relação que os indivíduos estabelecem com o currículo (GOODSON, 2008), mas também pelas concepções explícitas e/ou implícitas nele impressas (PACHECO, 2003).

Nesse contexto, como destaca Pimenta (1999), a formação inicial de professores pode ser caracterizada pela incorporação intencional de certos elementos da cultura, historicamente aceitos, determinados mediante disputas de poder e que representam as necessidades formativas que emergem de um dado contexto social e momento histórico. Desta forma, assumimos que é possível evidenciar que a cultura é produzida, negociada e significada na Licenciatura mediante jogos de poder inerentes ao grupo e às relações sociais nele estabelecidas. Consideramos que o eixo de significação do formar/formar-se professor e da identidade da formação inicial estão ancorados nas diversas possibilidades sob as quais os agentes da formação inicial interagem com os elementos da cultura.

Nesse contexto, esse é um trabalho teórico onde nos propomos a discutir alguns paradigmas de formação para pensar a cultura no contexto da formação de professores. Em uma análise interpretativa, procuramos construir nossa argumentação em torno da prerrogativa da centralidade da cultura no processo da formação docente. Consideramos que cursos de licenciatura se constituem por um processo de interação de seus agentes com os elementos da cultura historicamente construídos e sistematizados na graduação. Esta dimensão do processo formativo se estabelece não apenas pela natureza da relação que os indivíduos estabelecem com o currículo, mas também pelas concepções explícitas e/ou implícitas nele impressas. Esperamos assim abrir caminho para pensar e interpretar a formação inicial segundo sua práxis e segundo os processos de socialização e de interação com a cultura que é inerente ao processo formativo.

2. A Cultura Veiculada em Cursos de Formação de Professores

Estamos pensando a cultura como um campo de significação do currículo. Logo, vemos o conhecimento, e conseqüentemente o currículo, enquanto elemento cultural, socialmente construído (GUIMARÃES, 2014). Consideramos que o currículo é impregnado de disputas de poder e, portanto de questões políticas, através das narrativas inerentes à sua constituição e aos processos de seleção e elaboração dos elementos da cultura nele veiculados (SILVA, 2011). Segundo Silva (2007) o currículo é um campo de lutas e de disputas de poder, porque selecionar é exercer poder. Entendemos que optar por certos elementos da cultura e não outros, por certas formas de agir e pensar na profissão docente é, de certa forma, conduzir e orientar as representações do ser professor em certa direção segundo concepções específicas.

Na formação inicial de professores, ao produzir o currículo somos também por ele produzidos. E nesse processo de formação, os agentes da licenciatura (docentes, discentes, etc.) são produzidos como sujeitos muito particulares segundo especificidades de seu curso (GUIMARÃES, 2014). Assim,

O currículo, ao lado de muitos outros discursos, faz-nos ser o que somos. Por isso o currículo é muito mais do que uma questão cognitiva, é muito mais do que uma construção do conhecimento, no sentido psicológico. O currículo é uma construção de nós mesmos como sujeitos (SILVA, 2011, p. 191).

Por conseqüência o currículo é uma construção de nós mesmos como professores. Neste contexto, esta dimensão de análise tem como principal agente o grupo discente para o qual o curso é constituído e que objetiva formar os licenciandos professores. Objetiva a

formação preparando os licenciandos para uma profissão, segundo corpo de conhecimentos socialmente consolidados na área docente e nas práticas da profissão.

Podemos dizer que o currículo é o caminho e o caminhar no ensino. É uma escolha cultural e pode ser entendido como uma práxis pronunciada por diversas vozes. E, portanto, se o conhecimento e a cultura são condições lógicas do ensino e da formação de professores é lógico também que sua análise se concretize segundo as condições específicas das interações sociais que seu desenvolvimento promove.

O currículo é uma questão da cultura como qualquer outra construção humana. Para Silva (2007)

A cultura é um campo de produção de significados no qual os diferentes grupos sociais, situados em posições diferentes de poder, lutam pela imposição de seus significados à sociedade mais ampla. A cultura é, nessa concepção, um campo contestado de significação. O que está centralmente envolvido nesse jogo é a definição de identidade cultural e social dos diferentes grupos. A cultura é um campo onde se define não apenas a forma que o mundo deve ter, mas também a forma como as pessoas e os grupos devem ser. A cultura é um jogo de poder (SILVA, 2007, p. 133-134).

Para Dewey (1930) “talvez não exista uma melhor definição de cultura do que a capacidade constante de expandir o alcance e a precisão de sua percepção dos significados” (DEWEY, 1930, p. 145⁴).

Ao eleger a cultura como componente primordial do currículo, recorreremos aos Estudos Culturais (EC) para subsidiar nossa interpretação e compreensão do currículo. Os EC buscam elementos de investigação em questões que se situam na conexão entre cultura, significação, identidade e poder (SILVA, 2007). Nesta perspectiva, caracterizamos o currículo enquanto um artefato cultural. Assim, artefato cultural seria o mediador entre o sujeito e o objeto. Wertsch (1999) considera que a relação do homem com o mundo não se estabelece por meio da ação direta, mas é sempre mediada por instrumentos (ferramentas) que são construídos pelo próprio homem para servirem de mediadores desta relação. Nesse sentido a atividade humana, mediada pelas ferramentas culturais, possibilita condições para a transformação do mundo levando o homem ao desenvolvimento das funções superiores. Assim, ao mesmo tempo em que a atividade humana é meio para a transformação do mundo, ela é também fator para o desenvolvimento humano.

3. Currículo Enquanto Ferramenta Cultural

A cultura, veiculada no desenvolvimento do currículo seria o conjunto dos elementos socialmente construídos e historicamente partilhados pelos indivíduos (HALL, 2006). Segundo Cucho (2002) ela é necessária para tornar possível a diversidade na unidade da humanidade. A cultura permite ao homem adaptar-se ao meio e torna possível a transformação da natureza, nesse sentido há correlação direta entre o que se toma por identidade cultural e a concepção que se faz de cultura (HALL, 2006; CUCHE, 2002).

Deste modo, o currículo é também uma atividade política porque de uma forma particular organiza a cultura e conseqüentemente as relações de poder e sua influência na identidade do professor em formação (GUIMARÃES, 2014). Segundo Pacheco (2003, p. 14),

⁴ Tradução nossa. Disponível em: <https://archive.org/details/democracyleducati1916dewe>. Último acesso 11 de jun. 2019.

a “política curricular representa a racionalização do processo de desenvolvimento do currículo nomeadamente com a regulação do conhecimento”.

Silva (2007) considera que na perspectiva dos Estudos Culturais o currículo pode ser considerado um artefato cultural em pelo menos dois sentidos. O primeiro sentido de interpretação é que o currículo é uma construção cultural como qualquer outra e em segundo o conteúdo do currículo também é uma construção social. Então, quer seja a “instituição” do currículo ou os “conteúdos” que ele engloba, o currículo pode ser compreendido pela análise das relações de poder implícitas na seleção dos elementos da cultura e na produção das identidades sociais. Nesse sentido, Neira e Nunes (2011) afirmam que

Nas análises dos EC, o conhecimento e o currículo são campos culturais sujeitos à disputa e à interpretação, nos quais os diferentes grupos tentam estabelecer sua hegemonia e projetar as identidades desejáveis. O currículo é um artefato cultural, pois, a “instituição” do currículo é uma invenção social como qualquer outra e seu “conteúdo”, uma construção social. Como toda construção social, o currículo não pode ser compreendido sem a análise das relações de poder que fizeram e fazem com que tenhamos determinada proposta curricular e não outra, onde se incluem determinados conhecimentos e não outros (NEIRA; NUNES, 2011, p. 681).

Em resumo, “o currículo, tal como a cultura, é compreendido como: uma prática de significação; 2) uma prática produtiva; 3) uma relação social; 4) uma relação de poder; 5) uma prática que produz identidades sociais” (SILVA, 1999, p. 17). E conseqüentemente, o currículo se interpretado enquanto espaço de produção de significados implica, necessariamente, na formação de identidades sociais.

Desta forma, o currículo não seria apenas espaço de transmissão de elementos da cultura, mas também de elaboração de significados pessoais e sociais. Passou a ser espaço de resistência, argumentação e disputa.

4. Formar-se Professor: um Processo de Identificação Cultural

Pensar o curso de formação inicial de professores, segundo a perspectiva das identidades sociais que emergem na interação com a cultura, requer conhecimento de que forma a cultura é governada neste contexto específico da formação docente e quais são as regras particulares do currículo.

A busca da melhor forma de produzi-los tem relação com o currículo na FP, com a produção de significados e com a identidade da licenciatura. Desta forma, podemos afirmar, juntamente com Silva (2011), que

[...] o conhecimento e a cultura dizem respeito, fundamentalmente, à produção, ao fazer algo com coisas. Conseqüentemente, também o currículo é centralmente produtivo. Conceber o conhecimento, a cultura e o currículo como produtivos permite destacar seu caráter político e seu caráter histórico: podem-se fazer diferentes coisas e coisas diferentes com eles, e essas atividades podem variar, de acordo com as épocas e situações (SILVA, 2011, p. 188).

Segundo Neira e Nunes (2011)

A cultura é uma prática de significação. Cada atividade social cria e precisa de um universo próprio de significados e práticas, isto é, sua própria cultura. A cultura, assim entendida, constitui-se em uma relação social permeada pela luta para definir o que está, ou não, correto e o como se deve, ou não, ser, pensar e agir (NEIRA e NUNES, 2011, p. 672).

E, portanto, embora a cultura seja essencialmente cunhada nas relações de poder das ações pessoais e sociais, sua consolidação está situada nos contextos dos embates realizados no curso e sua elaboração.

5. Considerações Finais

Discutir a organização social, o currículo da formação inicial de professores exige evidenciar a centralidade da cultura e assumir o peso epistemológico que ela. Ou seja, discutir a Formação de Professores e seu currículo engloba, necessariamente, entender o lugar da cultura na instituição em que o curso é ofertado, no grupo social, os objetivos formativos do grupo, dos indivíduos e principalmente segundo um momento histórico particular.

Entendemos que ao cursar uma licenciatura o sujeito interage com os elementos da cultura nela veiculada (GUIMARÃES, 2014). É esta vivência que o forma professor, influi na elaboração de sua ideologia e de suas representações. É nesse sentido que entendemos as palavras de Stuart Hall (2009)

A cultura é uma produção. Tem sua matéria-prima, seus recursos, seu “trabalho produtivo”. [...] Portanto, não é uma questão do que as tradições fazem de nós, mas daquilo que nós fazemos das nossas tradições. Paradoxalmente, nossas identidades culturais, em qualquer forma acabada, estão à nossa frente. Estamos sempre em processo de formação cultural. A cultura não é uma questão de ontologia, de ser, mas de se tornar (HALL, 2009, p. 43).

No mundo contemporâneo as formas de viver, de se relacionar com o mundo e com os elementos da cultura são influenciados pela perspectiva da globalização (PACHECO, 2007), pela relativização dos valores e das narrativas acerca da realidade (HALL, 2010). Neste mesmo caminho também seguem os estudos na formação de professores e sobre as questões do currículo, de forma geral.

Neste contexto de mudanças e incertezas da atualidade, nossa abordagem investigativa centra esforços em considerar a centralidade da Cultura nos processos de formação de professores. Formar-se professor é incorporar elementos culturais específicos do fazer docente. E a identidade docente se faz na medida da interação com o currículo enquanto ferramenta cultural nos processos de representação social que são estabelecidos ao longo da formação docente.

Referências

- ARENDDT, H. *Entre o Passado e o futuro*. Série Debates. São Paulo: Perspectiva, 2009.
- BARBIER, J. Representações sociais e culturas de ação. *Cadernos de Pesquisa*, v.40, n.140, p. 351-378, maio/ago. 2010. ISSN 0100/1574. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/cp/v40n140/a0440140.pdf>. Acesso em: 11 jul.. 2019.
- CANEN, A.; MOREIRA, A.F. (Orgs.). *Ênfases e omissões no currículo*. Campinas, SD: Papirus, 2001.
- CUCHE, D. *A noção de cultura nas ciências sociais*. Bauru: EDUSC, 2002.

DEWEY, J. *Democracy and Education: An introduction to the philosophy of education*. New York: The Macmillan Company, 1930. Disponível em: <https://archive.org/details/democracyeducati1916dewe>. Acesso em: 11 jul.. 2019.

DU GAY, P.; HALL, S.; JANES, L.; MACKAY, H.; NEGUS, K. *Doing Cultural Studies: The Story of the Sony Walkman*. Londres: The Open University, 1997.

GIROUX, H. A. Praticando Estudos culturais nas faculdades de educação. In: SILVA, T.T. (Org.). *Alienígenas na sala de aula*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

GOODSON, I.F. *Currículo: teoria e história*. Rio de Janeiro: Vozes, 2008.

GUIMAÃES, Yara Araujo Ferreira. *Identidade curricular na formação inicial de professores de física*. 2014. Tese (Doutorado em Ensino de Física) - Ensino de Ciências (Física, Química e Biologia), Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014. doi:10.11606/T.81.2014.tde-17122014-120851. Acesso em: 2019-07-12.

HALL, S. *Pela Mão de Alice: o social, o político na pós-modernidade*. São Paulo: Cortez, 2010.

_____. *Quem precisa de identidade?* IN: Silva, Tomaz Tadeu da. (org) *Identidade e diferença. A perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Editora Vozes, 2009.

_____. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

_____. "The centrality of culture: notes on the cultural revolutions of our time", In THOMPSON, Kenneth (org.). *Media and Cultural Regulation*. Londres: Sage, 1997. p. 207-238. Edição brasileira: *A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo*. *Revista Educação e Realidade*, 22 (2), Porto Alegre, p. 15-46, jul./dez. 1997. ISSN 0100-3143 (impresso) e 2175-6236 (online). Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/71361/40514>. Acesso em: 11 jul.. 2019.

NEIRA, M.G.; NUNES, M.L.F. Contribuições dos estudos culturais para o currículo da educação física. *Rev. Bras. Ciênc. Esporte*, Florianópolis, v. 33, n. 3, p. 671-685, jul./set. 2011. Disponível em: <http://revista.cbce.org.br/index.php/RBCE/article/view/956/684>. Acesso em: 11 jul.. 2019.

NELSON, C; TREICHLER, P. A. e GROSSBERG, L. *Estudos culturais: uma introdução*. In: SILVA, T.T. (Org.). *Alienígenas na sala de aula*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

PACHECO, J.A. Globalização e Identidade no contexto da escola e do currículo. *Cadernos de Pesquisa*, v. 37, n. 131, p. 371-398, mai/ago, 2007. ISSN 1980-5314. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/cp/v37n131/a0837131.pdf>. Acesso em: 11 jul.. 2019.

_____. *Políticas Curriculares: referenciais para análise*. Porto Alegre: Artmed, 2003.

PIMENTA, S.G. (Org.). *Saberes pedagógicos e atividade docente*. São Paulo: Cortez, 1999.

SILVA, T.T. *Currículo e identidade social: territórios contestados*. In: Silva, T. T. (Org). *Alienígenas na sala de aula*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

_____. *Documentos de identidade: uma introdução às teorias de currículo*. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

_____. *O Currículo como fetiche*. Belo Horizonte, Autêntica, 1999.

WERTSCH, J.V. *A necessidade da ação na pesquisa sociocultural*. In: Estudos socioculturais da mente. James V. Wertsch, Pablo Del Río & Amélia Alvarez (Orgs.). Porto Alegre: ArtMed, 1998.

_____. *La mente em acción*. Argentina: Aique, 1999.